

## MISERICÓRDIA E FRATERNIDADE À LUZ DE LUCAS 15,11-32 *MERCY AND FRATERNITY IN THE LIGHT OF LUKE 15,11-32*

Luciano José Dias<sup>1</sup> , Robinson Silva Villalba<sup>2</sup> 



DOI.ORG/10.57147/ESPACOS.V33I01.924

Recebido em: 21/05/2025

Aprovado em: 02/12/2025

**Resumo:** O presente artigo, intitulado “Misericórdia e Fraternidade à Luz de Lucas 15,11-32”, objetiva apresentar ao leitor o contexto no qual se desenvolve a narrativa bíblica da Parábola do “Pai Misericordioso”, frequentemente referida como “o Filho Pródigo”, inserida no Evangelho segundo São Lucas, capítulo 15, versículos 11 a 32. Esta parábola, reconhecida como uma das mais proeminentes e extensivamente estudadas no Novo Testamento, encerra uma significativa densidade teológica que a estabelece como central na mensagem da comunidade lucana e do Cristianismo. O texto em análise articula-se em torno de três personagens nucleares: o pai, o filho mais jovem e o filho mais velho, cada qual representando distintas dimensões da relação entre o ser humano e a divindade.

**Palavras-chave:** Parábola, Misericordia, Teshuvá

**Abstract:** The present article, entitled “Mercy and Fraternity in the Light of Luke 15,11-32”, aims to present to the reader the context in which the biblical narrative of the Parable of the “Merciful Father”, frequently referred to as “the Prodigal Son”, unfolds, embedded in the Gospel according to Saint Luke, chapter 15, verses 11 to 32. This parable, recognized as one of the most prominent and extensively studied in the New Testament, encompasses a significant theological density that establishes it as central to the message of the Lucan community and of Christianity. The text under analysis is structured around three core characters: the father, the younger son, and the elder son, each representing distinct dimensions of the relationship between humankind and the divine.

**Keywords:** Parable, Mercy, Teshuvah

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia pela PUC-SP, Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-SP. Pós-graduado em Práticas Pedagógicas de ensino religioso e Cultura Judaico-cristã pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos em parceria com a Faculdade Assunção. Bacharel em Teologia pela Faculdade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa TIAT. E-mail: lucianojdias@gmail.com. ID Lattes: 421103195927.

<sup>2</sup> Bacharelando em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP-SP). E-mail: robsoncosta.rolco@gmail.com

## Introdução

Imaginemos a cena: um filho mais novo, cheio de impetuosidade e querendo viver do seu jeito, pede a sua parte da herança – sim, como se o pai já tivesse partido! Com a fortuna em mãos, ele parte para um país distante em busca de aventuras e prazeres sem limites. E o que acontece? Ele gasta tudo! Torra cada centavo numa vida desenfreada, cheia de excessos e más companhias.

O dinheiro acaba, a “festa” termina e uma grande crise o atinge. Sozinho, faminto e desesperado, ele chega ao fundo do poço, a ponto de invejar a comida dos porcos! É nesse momento de total miséria que ele “cai em si”. A saudade de casa aperta, e a lembrança da bondade do pai o impulsiona.

Tomado pelo arrependimento, ele decide voltar, sem dignidade, pronto para implorar para ser apenas mais um dos empregados. Mas a volta para casa é de tirar o fôlego! O pai, que nunca perdeu a esperança, avista o filho de longe e, num gesto de amor que quebra todos os protocolos, corre ao seu encontro! Abraça o filho sujo e maltrapilho, o beija e, antes mesmo que ele possa terminar o seu discurso ensaiado de arrependimento, o pai, ordena a maior festa que aquela casa já viu!

A melhor roupa, um anel no dedo, sandálias nos pés e o novilho gordo são preparados para celebrar! Por quê? Porque, nas palavras do pai, aquele filho que estava *morto* reviveu, estava *perdido* e foi encontrado!

Claro, nem tudo são flores. O irmão mais velho, que sempre foi “certinho”, fica indignado com tanta celebração para quem, na sua visão, não merecia nada. Mas a resposta do pai é a cereja do bolo: um lembrete de que ele sempre esteve ali, com tudo o que era do pai à sua disposição, mas que a alegria pelo resgate de um filho perdido supera qualquer mérito ou ressentimento.

Essa parábola é um convite vibrante a entender o coração de Deus: um Pai que anseia pelo retorno de seus filhos, que perdoa incondicionalmente, restaura a dignidade e celebra com imensa alegria cada vida que volta para casa! É uma explosão de graça e misericórdia que nos mostra que, não importa o quão longe tenhamos ido, sempre há um caminho de volta para os braços amorosos do Pai. Uma história para vibrar, se emocionar e se sentir convidado a essa festa de amor sem fim!

Uma vez, introduzido o ouvinte/leitor, no conjunto da nossa perícope<sup>3</sup> estudada, examinemos o contexto no qual a parábola em questão foi escrita; seu possível autor; tal como o pretexto para a composição da narrativa, a qual, já de início, podemos definir como obra literária, a qual, nos propomos a trazer comentários que ajudem a compreender a profundidade da narrativa.

Para uma melhor compreensão da períope, acolhemos aqui, uma possível divisão da parábola, proposta por LOPES (2017, 461), que a realiza observando cinco estágios da vida do filho mais novo: a partida (15,11-13), a decadência (15,14-16), o arrependimento (15,17-19), o retorno (15,20-21), e a reconciliação (15,22-24). Sempre é bom lembrar que, essa passagem bíblica, ao longo do tempo, tem sido analisada, contemplada e aprofundada de várias formas, sendo assim, não será nossa intenção exaurir a profundidade da temática, mas sim, deixar a nossa contribuição no campo das pesquisas acadêmicas.

Como primeiro passo, a fim de guiar o ouvinte/leitor por entre as páginas desta obra singular, exploraremos a essência do gênero literário aqui utilizado, o qual recebe o nome de “*Parábola*”.<sup>4</sup> Esse entendimento é fundamental para absorver a profundidade teológica com que o autor se comunica, tanto com os seus contemporâneos quanto conosco.

A parábola do “*Pai Misericordioso*” é uma das mais conhecidas e estudada no Segundo Testamento e carrega uma riqueza teológica que a torna central na mensagem da comunidade de Lucas e do Cristianismo. Como afirmou o Papa Francisco, no dia 15 de setembro de 2013, «aqui está o evangelho inteiro do cristianismo» (FRANCISCO, 2013). Como já indicado no nosso resumo, o texto apresenta três personagens principais: o pai – que divide a herança –, o filho mais novo – que deixa a casa paterna –, o filho mais velho – que fica com o pai –, cada um representando diferentes aspectos da relação do ser humano com Deus (cf. CONTRERAS, 2012, 13).

<sup>3</sup> Porção considerável de um texto que se corta para servir de prova ou para outro fim. “períope”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/per%C3%ADope>. Acessado em 21/05/25.

<sup>4</sup>Gênero literário é uma forma de classificar obras literárias com base em características comuns, como estrutura, estilo e tema. Essa classificação ajuda a organizar e entender a literatura, facilitando o estudo e a apreciação de diferentes tipos de obras.

## 1. A Parábola enquanto gênero literário

Jesus frequentemente utilizava parábolas, um dos seus principais métodos de ensino, para transmitir verdades espirituais. Essa técnica, contudo, já era antiga e comum entre orientais na época. Mesmo elevando-a a um nível inigualável, Jesus estava ciente da sua longa tradição e a empregou com maestria para ilustrar as suas mensagens.

Após o ministério de Jesus, o emprego das parábolas tornou-se menos comum entre os apóstolos. Os evangelhos apócrifos<sup>5</sup>, embora façam uso intenso de outras figuras de linguagem, notavelmente não contêm parábolas na sua estrutura narrativa. Entre os Padres da Igreja, poucos foram os que se valeram desse recurso. Não obstante essa diminuição na frequência de uso, a compreensão do termo "parábola" transcende as narrativas específicas de Jesus, englobando uma variedade de formas de linguagem figurada, como provérbios, comparações e ditados populares, o que expande significativamente o seu escopo e aplicação (cf. LOCKYER, 1999, 7-9).

A palavra hebraica *mashal*, (מַשָּׁל) encontrada no Primeiro Testamento, é traduzida como parábola, embora o seu espectro semântico inclua também provérbio ou analogia. A sua abrangência é notável, compreendendo formas figuradas de comunicação inerentes à poesia hebraica. Todavia, o termo carecia do sentido técnico mais restrito que adquiriria no Segundo Testamento. Em contrapartida, na tradição grega, a palavra *parabolé* (παραβολή) ocorre 48 vezes nos evangelhos sinópticos, desprovida de uma definição precisa. Este vocábulo foi herdado da Septuaginta, que o empregou para verter o conceito hebraico correspondente a *mashal* (cf. LOCKYER, 1999, 9-11).

Conforme LOCKYER (1999, p. 18), as parábolas transcendem o status de meras histórias, funcionando como canais eficazes para a transmissão de doutrinas e verdades espirituais. Elas operam ao combinar elementos do mundo visível com princípios do mundo invisível, facilitando uma compreensão mais profunda das mensagens apresentadas. Contudo, a sua interpretação não deve ser nem rígida, nem unívoca, visto

<sup>5</sup> Os evangelhos apócrifos são textos que se apresentam como relatos da vida e dos ensinamentos de Jesus Cristo, mas que não foram incluídos no cânone da Bíblia pelas principais correntes do cristianismo. A palavra "apócrifo" vem do grego e significa "oculto" ou "escondido", refletindo o fato de que esses textos eram considerados de autenticidade duvidosa ou de origem desconhecida.

que algumas parábolas contêm detalhes narrativos que servem à estrutura da história, mas não possuem uma aplicação direta ou equivalente no contexto espiritual.

A interpretação das parábolas exige equilíbrio. Um erro comum é atribuir-lhes significados exagerados ou, ao contrário, subestimá-las. O caminho mais seguro é identificar a sua ideia central, sem se perder em detalhes secundários ou forçar analogias. Cada parábola deve ser analisada respeitando a sua mensagem principal, garantindo que o seu propósito original seja preservado e compreendido de maneira clara e fiel.

## 2. Lucas, comunidade e contexto.

Existe amplo consenso de que o autor deste Evangelho, Lucas, não foi testemunha ocular da vida de Jesus Cristo. Embora subsista debate acerca de se ele pertenceria à segunda ou terceira geração cristã – uma questão que não será aprofundada aqui por não impactar os objetivos deste estudo –, é relevante notar os diferentes posicionamentos acadêmicos quanto à datação da obra. Os estudiosos que defendem uma datação mais antiga geralmente apontam para a década de 60 como período de composição, enquanto aqueles que postulam uma redação posterior a situam entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90 (cf. GÓMEZ, 2008, 14).

A obra lucana insere consistentemente os seus eventos no contexto histórico do Império Romano, algo manifesto desde os capítulos iniciais do Evangelho. O nascimento de Jesus, por exemplo, é situado temporalmente por referência a um decreto do imperador Augusto, ocorrendo durante o censo sob o governo de Quirino na Síria (cf. Lc 2,1-2). Similarmente, o início da missão de João Batista e de Jesus é datado no 15º ano do reinado do imperador Tibério (cf. Lc 3,1). Ao contrastar a *Pax Romana*, que frequentemente consistia numa paz imposta pela força, o Evangelho de Lucas anuncia a genuína paz de Deus, revelada em Jesus Cristo (cf. Lc 1,78-79; 2,14).

De acordo com GÓMEZ (2008, 12-16), a diversidade étnica constituiu, possivelmente, a característica mais notável na formação da primitiva comunidade cristã.<sup>6</sup> Adicionalmente à variedade já presente nas cidades do Império, a perseguição e a

<sup>6</sup> As diferenças econômicas entre os membros também geraram muita controvérsia. A conclusão mais lógica é que não havia uma grande disparidade entre eles, já que, embora ninguém fizesse parte da elite financeira, também não havia indivíduos extremamente pobres. De todo modo, como as desigualdades estão presentes em qualquer grupo social e podem gerar desavenças, mas também podem se tornar um meio de santidade entre seus membros, sendo a posição defendida por Lucas. (cf. GÓMEZ, 12).

expansão missionária do cristianismo impulsionaram o encontro de pessoas de procedências muito distintas, que integraram o grupo original. Tal cenário propiciou a convivência de indivíduos com diferentes idiomas e origens geográficas, culminando num ambiente de identidades profundamente plurais.

O Evangelho de Lucas, por meio do seu autor, busca destacar a universalidade da salvação e a compaixão divina. Estima-se que Lucas tenha redigido a obra para um público situado numa cidade do Império Romano, sob considerável influência helenista. O Helenismo correspondeu ao período entre 323 a.C. (morte de Alexandre, o Grande) e 31 a.C. (conquista romana do Egito), distinguindo-se pela vasta disseminação da cultura grega (helênica) por áreas extensas do Mediterrâneo e do Oriente Médio. A característica urbana do destinatário reflete um padrão na maioria dos escritos neotestamentários, visto que a igreja primitiva não se restringiu ao deserto, mas se expandiu pelos centros urbanos. Uma teoria defendida por parte dos exegetas postula que o evangelho foi endereçado à comunidade de Antioquia da Síria, uma cidade que, como outras na Ásia Menor, prosperou em virtude do dinamismo econômico fomentado pela *Pax Romana*.

A história da salvação e o lugar da nova comunidade cristã nos desígnios de Deus constituem as principais motivações para Lucas redigir o seu evangelho. Num contexto de perseguição e aflição, pairava a dúvida sobre a presença divina numa comunidade tão provada. Lucas, então, busca assegurar a ambos os grupos – os gentios incertos da sua escolha e os judeus que experimentavam a rejeição dos seus pares – que o caminho que seguiram é o caminho certo, o qual culmina na salvação. (cf. GÓMEZ. 2008, 16).

Desde o século II, a tradição eclesiástica identifica o autor do Evangelho como Lucas, associando-o ao colaborador de Paulo mencionado na epístola a Filemom e descrito como médico em Colossenses 4,14.<sup>7</sup> A menção a essa profissão específica é por vezes considerada um ponto a favor da autenticidade da autoria tradicional, argumentando-se que um detalhe aparentemente irrelevante como esse seria improvável numa invenção. No entanto, a crítica acadêmica aponta para a possibilidade de que a obra

<sup>7</sup> A referência mais antiga à autoria de Lucas é no Cânone Muratoriano (170-180 d.C.). No final do segundo século, Santo Irineu menciona essa autoria ao afirmar: “Lucas, também companheiro de Paulo, escreveu em um livro o Evangelho assim como lhe fora pregado”. Além disso, um documento do mesmo período, conhecido como *Prólogo do Evangelho*, registra: “Lucas era um sírio, natural de Antioquia, médico de profissão, discípulo dos apóstolos e seguidor de Paulo até o seu martírio”. (cf. LOPES, 17).

tenha sido atribuída a uma figura próxima aos primeiros apóstolos com o propósito de conferir-lhe maior autoridade e credibilidade. Essa prática de atribuição pseudônima (pseudepigrafia) era comum na Antiguidade, como ilustram as diversas cartas atribuídas a Paulo por autores posteriores (cf. GÓMEZ, 2008, 13).

A origem de Lucas é incerta, embora haja forte indício de que fosse gentio. Uma hipótese é que ele tenha sido um dos “Tementes a Deus”, não judeus simpatizantes do judaísmo que não aderiam plenamente, evitando a circuncisão, o que justificaria o seu conhecimento dos costumes judaicos. Contudo, a análise da sua obra revela um domínio do método midráshico, prática exegética característica da cultura semita, levando alguns estudiosos a argumentar que Lucas seria, na verdade, um judeu-cristão da diáspora, não um grego de origem pagã. (cf. KETTERER; REMAUD. 1996, 9).

Esta parábola, aqui descrita, visa demonstrar, segundo a perspectiva lucana, o acolhimento incondicional de Deus aos arrependidos e a primazia da misericórdia sobre a justiça retributiva. A narrativa serve como resposta às murmurações de fariseus e escribas que desaprovavam a conduta de Jesus ao acolher e comer com pecadores. O contraste é notório: enquanto eles os rejeitam, Deus encontra alegria na sua reconciliação e restauração, exibindo uma justiça intrinsecamente misericordiosa e inclusiva. (cf. LOPES, 2017, 455-456).

Caracterizado por seu enfático apelo à misericórdia e ao acolhimento dos marginalizados, o Evangelho de Lucas foi redigido para uma comunidade majoritariamente composta por gentios convertidos. Lucas é, tradicionalmente, apontado como o único escritor gentio do Novo Testamento e das Escrituras Sagradas na totalidade. Há evidências substanciais, tanto de cunho interno quanto externo, que sustentam a autoria lucana. Tais indícios foram determinantes para que os Padres da Igreja lhe atribuíssem a autoria deste Evangelho.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Os Pais da Igreja são um grupo de escritores cristãos influentes dos primeiros séculos do cristianismo, que desempenharam um papel fundamental na formação da doutrina e da prática da Igreja. Eles viveram em diferentes regiões do mundo cristão, como Roma, Alexandria, Antioquia e Constantinopla, e escreveram em diversas línguas, como grego, latim, siríaco e copta. Em relação aos padres da Igreja, cf. (Antônio S. BOGAS; Marcio A. COUTO; João H. HANSEN. **Patrística: Caminhos da tradição cristã**. São Paulo: Paulus, 2014).

### 3. As possíveis fontes do Evangelho e Intenção da parábola.

A maioria dos exegetas defende a existência de quatro fontes principais. A mais importante para o nosso caso seria o evangelho de Marcos; que Lucas utilizou, além dos ditos da fonte Q.<sup>9</sup> Esta é uma fonte da qual não temos manuscritos, mas que teria uma estrutura semelhante ao Evangelho de Tomé um apócrifo que não contém material narrativo, limitando-se a frases e diálogos. Deve-se considerar um conjunto de tradições que também foi conhecido por Mateus, embora com algumas variações.

Por último, há tudo o que chegou a Lucas e que não foi conhecido pelos outros evangelistas. Entre as fontes exclusivas de Lucas, não podemos descartar quais foram transmitidas oralmente, tão sérias e rigorosas quanto às fontes escritas, considerando a forte *tradição semita*<sup>10</sup> de transmitir esse tipo de conteúdo (GÓMEZ. 2008, 15). Essas fontes foram transmitidas por “testemunhas oculares” e “servidores da Palavra”, o que sugere que ele se baseou tanto em “fontes escritas” quanto em “tradições orais” para compor a sua obra.

A parábola do Pai Misericordioso é exclusiva de Lucas, somente ele, entre todos os evangelhos, a apresenta. Indicando uma fonte própria ou tradição oral. Contudo, é necessário admitir que não se trata de uma criação inédita de Lucas, ao haver no texto múltiplos indícios de semitismos, anteriores e irredutíveis ao trabalho redacional do evangelista. Essa presença de semitismos é evidente para qualquer leitor desprovido de preconceitos (cf. CONTRERAS, 2012, 29).

No centro do evangelho segundo Lucas, estão três parábolas, a dracma perdida (15,8-10), a ovelha perdida (15,3-7) e a parábola do pai misericordioso (15,11-32): as três parábolas estão situadas dentro da “seção do caminho” para Jerusalém (Lc 9,51–18,4), na qual Lucas expõe as características ou atitudes de uma comunidade que deseja seguir a

<sup>9</sup> A "Fonte Q", ou "Documento Q", é uma hipótese acadêmica que propõe a existência de uma coleção perdida de ditos de Jesus, que teria sido usada como fonte pelos evangelistas Mateus e Lucas na composição de seus evangelhos. "Q" vem da palavra alemã "Quelle", que significa "fonte". Sobre a fonte Quelle, cf. (Rafael Aguirre MONASTERIO; Antônio Rodrigues CARMONA: **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Ave Maria, 2000 p. 55-58).

<sup>10</sup> A tradição semita engloba um conjunto de características culturais, linguísticas e religiosas compartilhadas por povos que falam línguas semíticas e que historicamente habitaram o Oriente Médio, o norte da África e o Chifre da África. Essa tradição é rica e diversificada, abrangendo uma história milenar e um legado cultural significativo.

Jesus.<sup>11</sup> Com essas três narrativas, de acordo com LOPES (2017, 456), Jesus deseja mostrar que Deus Pai é o primeiro a adotar uma atitude acolhedora e misericordiosa para com os pecadores.

Desta forma, a terceira parábola procura, de forma apologética, responder às críticas dirigidas a esse convite à alegria. Assim como o pai, Jesus acolhe os pecadores e exulta com o regresso do filho perdido (cf. CONTRERAS, 2012, 23). Neste capítulo, dois grupos de personagens contrapõem-se evidentemente: de um lado, os publicanos e pecadores; do outro, os escribas e fariseus. As queixas do filho mais velho parecem simbolizar os fariseus que pressionavam as comunidades cristãs.

Neste contexto, as comparações ocorrem em três planos: entre os dois irmãos, entre o pai e o filho mais novo, e entre o pai e o filho mais velho, pois cada um tem uma visão diferente da vida. Além das diversas obras contemporâneas que tratam de temas similares, a parábola pode ter encontrado inspiração em passagens do Primeiro Testamento, como Jeremias 31,18-20; Oseias 11,1-9 e Isaías 63,15ss. (cf. GÓMEZ. 2008, 431-432).<sup>12</sup>

Voltando à parábola, a narrativa dá maior destaque ao filho mais novo, acompanhando-o durante um período conturbado da sua vida. A sua personalidade não é tão vil quanto a fama que adquiriu, pois, embora pedir a herança pudesse ser considerado um ato egoísta, a decisão de concedê-la cabia inteiramente ao pai (cf. GÓMEZ. 2008, 432).<sup>13</sup>

<sup>11</sup> As três parábolas apresentam uma conexão forte, costuradas por pontos de ligação bem ajustados. Sob uma perspectiva literária e ideológica, encontramos uma rede de associações entrelaçadas com grande habilidade. Observamos paralelismos frequentes, repetições de estruturas e termos, bem como a recorrência dos mesmos conceitos. Essas parábolas enfatizam o valor da reconciliação e a importância de acolher o que foi extraviado, refletindo o coração misericordioso de Deus. (cf. CONTRERAS, Un Padre tenía dos hijos, 21).

<sup>12</sup> Por meio do trabalho redacional de Lucas, é possível identificar alguns paralelos em seu escrito. De um lado, há uma proximidade com textos do Segundo Testamento, como o Evangelho de João, que talvez tenha conhecido esse trecho (cf. Lc 15,31 com Jo 17,10), e com a Carta aos Efésios (cf. Ef 2,1.5; 5,14 com Lc 15,24). Também podemos notar referências ao Primeiro Testamento, entre elas, destacam-se os profetas Isaías e Jeremias (cf. Is 49,14-16; 55,7 e Jr 31,20 com Lc 15,19-20), o livro de Tobias (cf. Tb 11,9 com Lc 15,13 e 11,19 com Lc 15,19-20), o profeta Zacarias (cf. Zc 3,4 com Lc 15,21), o Salmo 51 (cf. Sl 51,4 com Lc 15,18) e o livro de Provérbios (cf. Pv 29,3 com Lc 15,13).

<sup>13</sup> Conforme o Deuteronômio, os primogênitos possuíam privilégios maiores em relação aos outros filhos (cf. Dt 21,17).

O contexto histórico e social do judaísmo do século I ajuda a entender a profundidade da narrativa, pois a cultura da época dava grande importância à honra e à obediência familiar. Sob a lei judaica, um pai não podia dispor da sua propriedade como queria. Diversas alusões relevantes, como o panorama de fundo legal, questões de herança, usufruto dos bens e a dinâmica familiar e social, indicam um ambiente characteristicamente palestinense (cf. CONTRERAS, 2012, 29).

#### 4. Texto e Comentário.

Reflitamos alguns aspectos da parábola do Pai misericordioso, na perspectiva de que todos somos filhos peregrinos regressando à casa do Pai, e que como filhos perdidos precisamos da sua misericórdia e da compreensão de nossos irmãos. Além disso, a reflexão sobre a misericórdia é essencial para compreender a centralidade da vida cristã e a missão da Igreja que deve testemunhar a misericórdia e a sua implicação na construção de uma sociedade mais fraterna.

Apresentamos a seguir o texto grego com a tradução para o português, juntamente de um comentário, assim, esperamos enriquecer e fortalecer o entendimento da profundidade buscada pelo autor desta parábola. Começamos com os três primeiros versículos da perícope (Lc 15,11-13).

Texto em grego	Tradução Literal
<sup>11</sup> Εἶπεν δέ, Ἄνθρωπός τις εἶχεν δύο γιούς.	Disse e homem um certo tinha dois filhos.
<sup>12</sup> Καὶ εἶπεν ὁ νεώτερος αὐτῶν τῷ πατρί, Πάτερ, δός μοι τὸ ἐπιβάλλον μέρος τῆς οὐσίας, ὁ δε διεῖλεν αὐτοῖς τὸν βίον.	E disse o mais novo deles ao pai: Pai, dá a mim a destinada porção da propriedade. E dividiu entre eles o patrimônio.
<sup>13</sup> Καὶ μετ' οὐ πολλὰς ἡμέρας συναγαγών ἀπαντα ὁ νεώτερος γιὸς ἀπεδήμησεν εἰς χώραν μακράν, καὶ ἐκεῖ διεσκόρπισεν τὴν οὐσίαν αὐτοῦ ζῶν ἀσώτως.	E depois de não muitos dias ajuntado todas as coisas o mais novo filho partiu para uma região distante e ali desperdiçou a propriedade dele vivendo dissolutamente.

Como podemos notar, a tradução de um texto escrito em língua antiga para o português, exige um trabalho de arranjar as ideias, organizando as palavras na nossa língua, no entanto, é completamente possível o entendimento direto do texto. O fato de o filho mais novo partir para “uma região distante (εἰς χώραν μακράν) desperdiçando

(διεσκόρπισεν)” a sua fortuna em pouco tempo, embora o texto não detalhe como, sugere que a sua conduta era repreensível (cf. GÓMEZ. 2008, 433). A sua juventude imprudente o leva a desperdiçar não somente os bens materiais, mas a cometer uma ação ainda mais profunda: ele está a desperdiçar a sua própria essência, desfigurando a sua identidade de filho. Ele esbanja aquilo que o define, arruinando a si (cf. CONTRERAS, 2012, 53).

Avancemos um pouco mais, analisando os próximos três versículos dessa majestosa passagem bíblica (Lc 15,14-16).

Texto em grego	Tradução Literal
<sup>14</sup> Δαπανήσαντος δέ αὐτοῦ πάντα ἐγένετο λιμὸς ἰσχυρὸς κατά τὴν χώραν ἐκείνην, καὶ αὐτὸς ἥρξατο ὑστερεῖσθαι.	Tendo gasto ele tudo houve fome uma grande em toda a região àquela, e ele começou a passar necessidade.
<sup>15</sup> Καὶ πορευθεὶς ἐκολλήθη ἐνὶ τῶν πολιτῶν τῆς χώρας ἐκείνης, καὶ ἐπεμφεν αὐτὸν εἰς τοὺς ἄγρους αὐτοῦ βόσκειν χοίρους.	E indo agregou-se a um dos cidadãos da região aquela, e enviou a ele para o campo dele a cuidar dos porcos,
<sup>16</sup> Καὶ ἐπεθύμει χορτασθῆναι ἐκ τῶν κερατίων ὃν ἥσθιον οἱ χοῖροι, καὶ οὐδεὶς ἐδίδου αὐτῷ.	E desejava saciar-se de as alfarobas que comiam os porcos, e ninguém dava a ele.

Podemos notar que, com a menção da fome, evoca-se, em qualquer época da história, sua catástrofe. Não é necessário adicionar mais adjetivos para sublinhar o seu infortúnio. A forma utilizada no grego é bastante crua, pois se refere à impossibilidade de encher o seu estômago, utilizando a expressão “uma fome severa (λιμὸς ἰσχυρὸς)”. Assim, enfatiza-se a gravidade da fome, que, por onde passa, traz desolação, miséria e morte. O filho cai na mais extrema pobreza, a qual é lamentável sequência dos acontecimentos. Ele vê-se numa situação inédita, à qual não estava acostumado (cf. CONTRERAS, 2012, 56).

Essas palavras: “região distante”, “desperdiçar” e “fome severa” nos levam a refletir profundamente sobre as realidades enfrentadas por muitos seres humanos na atualidade, resultado do abandono por parte dos “irmãos mais velhos”. O saudoso Papa Francisco, para nos alertar que a misericórdia e a fraternidade estão interligadas, nos fazia sempre lembrar que, não há fraternidade sem um coração misericordioso. Ele, na sua encíclica *Fratelli Tutti*, Sobre a fraternidade e amizade social, enfatiza que os cristãos

devem ser agentes de reconciliação, promovendo o perdão e a inclusão dos marginalizados (FRANCISCO, 2020, n. 232).

A fome vem acompanhada de uma profunda sensação de desamparo. Foi isso que experimentou o filho mais jovem, que lamenta que “ninguém (οὐδεὶς)” ofereça-lhe ajuda. Ele passou da riqueza à pobreza, do amor familiar à indiferença num ambiente onde não encontra apoio. Muitos judeus que ouviam essa narrativa provavelmente pensavam, no seu íntimo, que o filho merecia sua sorte.

Por muitas vezes, talvez, seja esse o mesmo julgamento que se faz aos irmãos que sofrem à beira do caminho, onde alguns se tornam juízes dos outros, sem realizar gestos concretos que aliviem o seu sofrimento. Em situações como estas, por vezes, podemos contarmos com importantes documento da Igreja, como é o caso, da “*Fratelli Tutti*”, que nos ajudam a refletir sobre a importância da compaixão e do compromisso social. Nela, o Papa Francisco nos lembrava que “a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro”. Esse encontro só se torna possível quando há misericórdia e desejo genuíno de construir uma sociedade mais fraterna (FRANCISCO, 2020, n. 67).

Avancemos um pouco mais com a nossa reflexão, agora tomando como ponto de continuidade, os versículos de 17 a 19 de Lucas 15.

Texto em Grego	Tradução Literal
<sup>17</sup> Εἰς ἑαυτὸν δὲ ἐλθὼν ἔφη, πόσοι μίσθιοι τοῦ πατρός μου περισσεύονται ἄρτων, ἐγὼ δὲ λιμῷ ὥδε ἀπόλλυμαι.	Em si mesmo, mas entrando disse: quantos assalariados do pai meu tem abundância de pães, eu mas de fome aqui estou perecendo.
<sup>18</sup> Ἀναστὰς πορεύσομαι πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ ἐρῶ αὐτῷ, Πάτερ, ἡμιαρτον εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ ἐνώπιόν σου,	Levantando (-me) irei a o pai meu e direi a ele: Pai, pequei contra o céu e perante ti,
<sup>19</sup> Οὐκέτι εἰμὶ ἄξιος κληθῆναι υἱός σου. Ποίησόν με ως ἐνα τῶν μισθίων σου.	não mais sou digno de ser chamado um filho teu; faze a mim como um dos assalariados teus.

Aqui, podemos perceber, o início de um ato humano em reconhecer consequências desastrosas de opções de vida, levando a um desejo de retorno a dias melhores. É verdade que, no caso do filho pródigo, dá a impressão de que é a fome, e não o arrependimento, que o conduz de volta à casa do Pai. No entanto, no contexto judaico, encontramos uma

palavra que nos ajuda a compreender esse movimento de retorno e transformação: *Teshuvá* (תשׁוּבָה).

Conforme SCHLESINGER (1987, 263), o termo *Teshuvá* possui diversos significados profundos e abrangentes, como *Hakarat HaChet* (הַכָּרֶת) – reconhecimento do erro –, *Charatá* (charatá - חֲרַתָּה) – remorso sincero –, *Vidui* (וִידּוּי) – confissão –, *Azivat HaChet* (אַזִּיבַת הַחֲטֹאת) – abandono do pecado –, *Tikkun* (תִּקְוֹן) – reparação – e *Kabbalat Al HaAtid* (קַבָּלָה אֶל הַעֲתִיד) – tomar resoluções firmes para o futuro.

Sendo assim, o versículo 18, nos permite refletir sobre a determinação do filho pródigo, com o particípio grego “levantando (-me) (Ἀναστὰς)”, termo que merece atenção por suas diversas interpretações. No relato do filho pródigo, esse verbo expressa a sua decisão de se erguer da miséria e do pecado. O evangelista enfatiza essa escolha pessoal ao utilizar “levantando (-me) (Ἀναστὰς)”, destacando a firme determinação do personagem em transformar a sua realidade. Esse gesto simboliza um ato de firmeza: ele ergue-se da condição de abatimento e inicia a sua caminhada. No entanto, essa jornada não pode ser feita de forma vacilante; exige uma postura decidida, a escolha consciente em seguir adiante (cf. CONTRERAS, 2012, 72-74).

Levantar-se representa mais do que um simples movimento físico. Simboliza a resolução de trilhar o caminho da vida com determinação e assumir a responsabilidade pelo próprio destino. O filho menor, ao se erguer, já comeceia a sua renovação interior e dá início à sua própria “ressurreição”. Esse ato marca o compromisso com uma decisão pessoal, autônoma e livre. O levantar-se não é apenas um gesto, mas o primeiro passo para a transformação, o ponto de partida de um retorno consciente ao pai e à vida plena (cf. CONTRERAS, 2012, 74).

Passemos agora aos versículos 20 e 21, dando continuidade a essa emocionante trama narrada pelo evangelista Lucas (Lc 15,20-21).

Texto em grego	Tradução Literal
<sup>20</sup> Καὶ ἀναστὰς ἤλθεν πρὸς τὸν πατέρα αὐτοῦ. "Ἐτι δὲ αὐτοῦ μακρὰν ἀπέχοντος, εἶδεν αὐτὸν ὁ πατὴρ αὐτοῦ καὶ ἐσπλαγχνίσθη καὶ δραμούντες ἐπέπεσεν" ἐπὶ τὸν τράχηλον αὐτοῦ καὶ κατεφίλησεν αὐτόν.	E levantando-se foi para o pai dele. Ainda e ele longe estando viu a ele o pai dele e se compadeceu e correndo lançou-se sobre o pescoço dele e beijou a ele.
<sup>21</sup> Εἶπεν δὲ ὁ νιὸς αὐτῷ· πάτερ, ἡμαρτον εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ ἐνώπιόν σου, οὐκέτι εἰμὶ ἄξιος κληθῆναι νιός σου.	Disse e o filho a ele: Pai, pequei contra o céu e diante de ti, não mais sou digno de ser chamado filho teu.

O filho retorna para casa, e as entranhas do pai se comovem profundamente, “*compadecer* (ἐσπλαγχνίσθη)”. Esse termo expressa uma emoção visceral, um movimento interior de compaixão intensa. O verbo *compadecer* (ἐσπλαγχνίσθη), característico de Lucas, destaca a profundidade desse sentimento. Ao avistar o filho de longe, o pai esquece a sua idade e dignidade, correndo ao seu encontro, um gesto que, para um oriental, significava prescindir das formalidades. No entanto, em vez de se preocupar com convenções sociais, ele abraça-o e o beija com “*ternura* (κατεφίλησεν)”, demonstrando um amor que transborda em gestos concretos (cf. GÓMEZ. 2008, 436).

Nesse ponto, podemos perceber que algo de inesperado acontece, o pai, tendo tudo a seu favor para rejeitar o filho, faz exatamente o contrário, é o que veremos nos próximos três versículos (Lc 15,22-24).

Texto em grego	Tradução Literal
<sup>22</sup> Εἶπεν δὲ ὁ πατὴρ πρὸς τοὺς δούλους αὐτοῦ· ταχὺ ἐξενέγκατε στολὴν τὴν πρώτην καὶ ἐνδύσατε αὐτὸν, καὶ δότε δακτύλιον εἰς τὴν χεῖρα αὐτοῦ καὶ ὑποδήματα εἰς τοὺς πόδας,	Disse mas o pai a os servos dele: depressa trazei uma túnica, a melhor e vesti a ele, e ponde um anel em a mão dele e sandálias em os pés,
<sup>23</sup> Καὶ φέρετε τὸν μόσχον τὸν σιτευτόν, θύσατε, καὶ φαγόντες εὐφρανθῶμεν,	e trazei o novilho cevado, matai, e, comendo, festejemos,
<sup>24</sup> διτὶ οὗτος ὁ νιός μου νεκρὸς ἦν καὶ ἀνέζησεν, ἦν ἀπολωλὼς καὶ εὑρέθη. καὶ ἥρξαντο εὐφρανεσθαι.	porque este filho meu morto estava e reviveu, perdido estava e foi achado. E começaram a festejar.

Com estes versos, compreendemos o qual grande é o amor do pai pelo filho, ele contempla o retorno do filho como um acontecimento inesperado, comparável a um renascimento ou mesmo a uma ressurreição. Mal pode acreditar no que vê: aquele que julgava perdido agora está nos seus braços, e ele acolhe-o como quem presencia um novo nascimento. As suas palavras expressam esse reconhecimento por meio de frases construídas em paralelismo semítico, destacando os adjetivos “morto e perdido (νεκρὸς καὶ ἀπολωλὼς)”. Essas expressões evocam imagens fortes, simbolizando uma transformação radical da morte para a vida, da perdição para o reencontro (cf. CONTRERAS, 2012, 142).

Essa morte à qual o pai se refere não se limita à fome extrema. Trata-se de uma morte moral e espiritual, um distanciamento total do verdadeiro sentido da vida. O

comentário do pai não apenas celebra a reviravolta da situação, mas também reflete o desejo divino revelado nas Sagradas Escrituras: “*Deus não quer a morte, mas a vida, como ensina o profeta Jeremias 18,23*”. Segundo CONTRERAS (2012, 74), com essas palavras, encerra-se a jornada do filho menor e inicia-se agora o drama do filho mais velho, que acompanharemos a partir de agora (Lc 15,25-27).

Texto em Grego	Tradução Literal
<sup>25</sup> Ὕν δέ ὁ νιός αὐτοῦ ὁ πρεσβύτερος ἐν ἀγρῷ. Καὶ ὡς ἐρχόμενος ἤγγισεν τῇ οἰκίᾳ, ἤκουσεν συμφωνίας καὶ χορῶν.	Estava, porém, o filho dele o mais velho em (o) campo. E quando, vindo, aproximou-se da casa, ouviu música e danças,
<sup>26</sup> Καὶ προσκαλεσάμενος ἔνα τῶν παίδων ἐπυνθάνετο τί ἀν εἴη ταῦτα.	E tendo chamado um dos servos perguntava o que seriam aquelas coisas.
<sup>27</sup> Ο δέ εἶπεν αὐτῷ ὅτι ὁ ἀδελφός σου ἡκει, καὶ ἔθυσεν ὁ πατέρας σου τὸν μόσχον τὸν σιτευτόν, ὅτι ύγιαίνοντα αὐτὸν ἀπέλαβεν.	Ele e disse para ele: o irmão teu está aqui, e matou o pai teu o novinho cevado, porque com saúde a ele recuperou.
<sup>28</sup> ὁργίσθη δὲ καὶ οὐκ ἥθελεν εἰσελθεῖν, ὁ δέ πατέρας αὐτοῦ ἐξελθὼν παρεκάλει αὐτόν.	Irou-se mas e não queria entrar; o mas pai dele saindo rogava a ele.
<sup>29</sup> Ο δέ ἀποκριθεὶς εἶπεν τῷ πατρὶ αὐτοῦ· ίδοὺ τοσαῦτα ἔτη δουλεύω σοι καὶ οὐδέποτε ἐντολὴν σου παρῆλθον, καὶ ἐμοὶ οὐδέποτε ἔδωκας ἔριφον ἵνα μετὰ τῶν φίλων μου εὐφρανθῶ.	Ele mas respondendo disse ao pai dele: eis tantos anos sirvo a ti e nunca (um) mandamento teu desobedeci, e a mim nunca deste (um) cabrito para que com os amigos meus festejasse.
<sup>30</sup> Οτε δὲ ὁ νιός σου οὗτος ὁ καταφαγών σου τὸν βίον μετὰ πορνῶν ἥλθεν, ἔθυσας αὐτῷ τὸν σιτευτὸν μόσχον.	Quando mas o filho teu este o que devorou teu patrimônio com prostitutas chegou, mataste para ele o cevado novilho.
<sup>31</sup> Ο δέ εἶπεν αὐτῷ· τέκνον, σὺ πάντοτε μετ' ἐμοῦ εἶ, καὶ πάντα τὰ ἐμὰ σά ἔστιν·	Ele mas disse a ele: Filho, tu sempre comigo estás, e todas as minhas (coisas) tuas são;
<sup>32</sup> Εὐφρανθῆναι δὲ καὶ χαρῆναι ἔδει, ὅτι ὁ ἀδελφός σου οὗτος νεκρὸς ἦν καὶ ἔζησεν, καὶ ἀπολωλώς καὶ εὐρέθη.	Festejar mas e alegrar-se era necessário, porque o irmão teu este morto estava e reviveu, e perdido e foi encontrado.

A atitude do pai, que corre ao encontro do filho, rompe os padrões culturais da época e demonstra a prontidão divina para restaurar a comunhão com aqueles que estavam perdidos. Já a reação do filho mais velho revela a dificuldade humana de aceitar a misericórdia quando ela é concedida ao outro. É triste perceber que muitos cristãos, na casa do Pai, acreditam ser seus filhos, mas estão perdidos. Perdidos, literalmente, como o filho mais velho da parábola, pois não conhecem verdadeiramente a Deus nem querem reconhecer seu irmão (cf. CONTRERAS, 2012, 24).

O filho mais velho, embora nunca tenha saído de casa nem deixado de trabalhar, também se encontra distante. A sua fidelidade é somente aparente; a sua obediência é fria, desprovida de alegria e amor. A palavra que ele usa para descrever a sua relação com o pai (*δουλεύω*) significa “servir como um escravo”; ele nem sequer se coloca na posição de “assalariado (*μίσθιοι*)”, mas se vê como um servo que trabalha sem liberdade. Esse detalhe revela a sua percepção distorcida da relação com o pai: mais do que um filho, ele enxerga-se como um empregado, alguém que cumpre obrigações sem compreender plenamente o amor e a generosidade paterna (cf. CONTRERAS, 2012, 178).

De acordo com GÓMEZ (2008, 431), na alegria do Pai misericordioso, manifesta-se o carinho e a preocupação de Deus pelos seres humanos, especialmente por aqueles que enfrentam situações extremas, sejam morais ou sociais. Para Deus, o passado pecaminoso não é o que importa; Ele enxerga a vida como um presente que, ao superar as dificuldades, merece ser celebrado. Mas essa celebração não é solitária, Deus deseja que todos os que sempre estiveram ao seu lado também se unam a essa alegria.

A história nos deixa um final em aberto quanto à atitude do irmão mais velho. Isso nos permite preencher as lacunas, identificar-nos com os personagens e as suas atitudes e, em última instância, compor a nossa própria parábola. Depende de cada nova geração de cristãos acrescentar à tradição, aquilo que é próprio do seu tempo. Todos e cada um de nós podemos fazer o mesmo: tirar as nossas próprias conclusões, que serão válidas enquanto não contrariem o coração da compreensão do Reino (cf. GÓMEZ. 2008, 17).

## Conclusão

A parábola do Pai misericordioso, lida sob a luz do amor incondicional de Deus, descreve o coração da fé cristã: a misericórdia como força que restaura, reconcilia e gera paz. O pai que corre para acolher o filho perdido e, ao mesmo tempo, busca o diálogo com o filho ressentido, demonstra um amor divino em constante movimento, um amor que transcende a distância e age ativamente pela restauração das relações. Este amor é pura gratuidade, sem mérito ou exclusão, convidando-nos a abandonar o egoísmo e a inveja para celebrar a inclusão plena – a verdadeira festa do Evangelho.

A essência desse amor que abraça o que errou ressoa potente em diversas expressões humanas de sabedoria. É o que vemos nas palavras do monge Zósima, em “*Os Irmãos Karamázov*”, de Dostoiévski: «Irmãos, não temais os pecados dos homens, amai o homem até mesmo em pecado, uma vez que é precisamente este que é semelhante ao amor de Deus, e é o vértice do amor nesta terra.» (Segundo parte, livro VI, capítulo III). Que essa percepção, bíblica e literária, nos desafie a viver o amor incondicional de Deus, praticando a acolhida e a compaixão como o mais alto gesto de fé e humanidade.

## Referências bibliográficas

- BOGAS, Antônio S.; COUTO, Marcio A.; HANSEN, João H. Patrística. Caminhos da tradição cristã. São Paulo: Paulus, 2014.
- CONTRERAS, Molina Francisco. Um Padre tenía dos hijos. Navarra España: Verbo Divino, 2012.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. Os irmãos Karamázov. Rio de Janeiro: Aguilar, 1970.
- FRANCISCO. Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e amizade social. São Paulo: Paulus 2020.
- GÓMEZ, Acebo Isabel. Lucas. Navarra España: Verbo Divino, 2008.
- HUGO, Victor-Marie. Os miseráveis. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- KETTERER, Eliane; REMAUD, Michel. O midraxe. São Paulo: Paulus, 1996.
- LOCKYER, Herbert. Todas as Parábolas da Bíblia. São Paulo: Vida, 1999.
- LOPES, Hernandes Dias. Lucas-Jesus, o homem perfeito. São Paulo: Hagnos, 2017.
- MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antônio Rodrigues. Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos. São Paulo: Ave Maria, 2000.
- SCHLESINGER, H. Pequeno Vocabulário do Judaísmo. São Paulo: Paulinas, 1987.